



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

RÉGIS TROIS DE AVILA

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-456

Entrevistada: Régis Trois Avila

Nascimento: 17/10/1963

Local da entrevista: entrevista realizada por telefone

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 10/09/2014

Transcrição: Gustavo Bernardi

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 41 minutos e 33 segundos.

Páginas Digitadas: 15 páginas.

Observações:

O entrevistado realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para o projeto *Gaúchos(as) Olímpicos: preservando memórias, reconstruindo histórias* desenvolvido pela equipe do CEME

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no esporte; Incentivo da família e amigos; Esgrima no Rio Grande do Sul; Estados mais fortes na esgrima no Brasil; Primeiras competições; Momentos decisivos da carreira antes dos Jogos Olímpicos; Mulheres na esgrima; Seletivas para os Jogos Olímpicos; Armas que utiliza; Preparação para os Jogos; Técnicos; Apoio financeiro; Como era a competição; Estrutura dos Jogos Olímpicos; Convivência na Vila Olímpica; Experiências marcantes; Vitórias; Arbitragem; Formação a nível superior; Mudança para São Paulo; Atuação como árbitro nos Jogos Olímpicos; Premiação como melhor árbitro do mundo e sua permanência entre os melhores; Categoria que se encontra como árbitro; Benefícios do sinal visual e sonoro na arbitragem; Experiências negativas da arbitragem; Apoio financeiro como árbitro olímpico; Satisfação de participar dos Jogos Olímpicos; Repercussão dos Jogos Olímpicos na carreira; Benefícios da sua participação para o Rio Grande do Sul; Atuação como técnico de seleções; Falta de estrutura da esgrima no Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 10 de setembro de 2014. Entrevista com Régis Trois de Avila a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Como foi a sua inserção no esporte?

R.A. – Tenho uma história familiar ligada à Esgrima. Meu avô Dirceu, pai da minha mãe, e seu filho, Marceu, irmão da minha mãe. E, principalmente, meu tio Mário Queiroz, irmão de minha avó, que era o Mestre d'Armas responsável pelos treinamentos na Sogipa¹. *Tio Mário* era um ícone na formação de esgrimistas no Brasil. De tão importante no cenário nacional, a Confederação Brasileira de Esgrima deu seu nome ao evento mais importante das categorias infantis de base, o Torneio Internacional Infantil Mario Queiroz. Prova de seu carisma incrível, além de Sogipa, a sala do União², principal rival da Sogipa e do Colégio Tiradentes, da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, receberam o nome dele.

C.M. – Alguém mais da sua família influenciou na sua carreira?

R.A. – A história da minha família sempre foi ligada ao esporte, tênis, natação, corrida e caminhadas, sempre na busca de uma vida saudável. Isso, sem dúvida, oportunizou, para meu irmão e eu, vários esportes, entre muitos, a natação, judô - obrigatórios por questão de segurança, sempre íamos para a praia de Cidreira no verão, e, obviamente, tudo isso facilitou a nossa inserção na esgrima também. Meu grande interesse pelo esporte também teve uma grande influência da competência e carisma do meu professor Romeu³, que nas aulas de Educação Física, dava iniciação a quase todos os esportes, nas aulas do Colégio Marista Assunção. Ele me despertou o interesse pela Educação Física, deixando muito claro o que eu queria fazer de profissão na vida. Hoje sou formado em Educação Física pela ESEF-UFRGS⁴.

C.M. – Como era a situação da esgrima no Rio Grande do Sul?

¹ Sociedade Ginástica Porto Alegre.

² Grêmio Náutico União.

³ Nome sujeito a confirmação.

⁴ Escola de Educação Física, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

R.A. – O Rio Grande do Sul sempre foi uma potência na esgrima. Sempre fomos muito fortes por influência dos alemães, que é o caso da Sogipa e da parte militar também que tem uma boa parcela. A Esgrima, apesar de pouco divulgada, sempre foi um esporte bem desenvolvido no sul.

C.M. – Nessa época quais os estados que eram mais fortes na esgrima no Brasil?

R.A. – Além do Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro, que eram estados que brigavam bastante com a gente. Logo em seguida vinha o Paraná que tinha esgrima em Londrina e em Curitiba.

C.M. – Você sentiu dificuldades ao longo da sua carreira por ser ou por estar no Rio Grande do Sul?

R.A. – A dificuldade que reforço seria a distância entre os principais centros. De ser o Sul, o mais longe de tudo. A competição mais próxima para nós era Curitiba. Todas as outras, eram longe. Viajávamos em ônibus, na época não era tão fácil viajar de avião. Outro impedimento era conseguir material de última geração, porque não havia quase importação, era muito difícil conseguir material. Aproveitávamos os mais velhos, que, em viagens ao exterior, faziam o papel de “Importadores informais”.

C.M. – Com que idade você começou a competir?

R.A. – Comecei a competir com 10 para 11 anos.

C.M. – Tu lembra qual foi a primeira competição que você foi?

R.A. – Foi o Campeonato Brasileiro Infantil, em Curitiba. Lembro que fomos em dois ônibus, lotados de crianças, coordenados pelo Mestre Queiroz e seu fiel assistente, o professor Cláudio Andretta. Isso, falando em competição nacional, fora as competições que tínhamos no estado.

C.M. – Antes de 1974, você já competia em nível estadual?

R.A. – Não me lembro com precisão, comecei ao final do ano de 1974. Antes disso, eu participava de eventos de esgrima como assistente, ajudando como mesário, cronometrando e cuidando das *poules*⁵. Meu tio Marceu Trois, irmão da minha mãe, ia competir e me levava. O fato mais legal, que aguçou a curiosidade em começar a treinar, foi, durante umas férias, na praia de Cidreira, quando o tio Mario Queiroz fez uma brincadeira comigo. Ele fez um movimento de esgrima e disse “quero ver tu fazer isso aí?”. Eu fiz e ele disse “ah! tu pode até ser um bom esgrimista” e eu disse: “faz outro!”. Ele, sabiamente, disse “não, só em março, tu apareces lá na sala da Sogipa. E, se gostares, te dou um florete⁶”. Obviamente, eu e meu irmão Jarbas, 3 anos mais novo, em março fomos experimentar. Resultado final... Ganhei meu florete e sigo na Esgrima até hoje.

C.M. – Tem algum momento da sua vida esportiva antes dos Jogos Olímpicos que você destacaria?

R.A. – Acho que tudo culmina nos anos de 1987 e 1988. O universo conspirava a meu favor. Muito treino e excelentes resultados, acabaram com a convocação para os Jogos Olímpicos de Seul, Coréia. Foi um ano muito bom para mim. Fui campeão brasileiro de Sabre Individual e Equipes, campeão Sul-americano de Sabre individual – primeiro título conquistado por um brasileiro nato – falaram que, até então, o único campeão sul-americano do Brasil era naturalizado brasileiro. Sou o primeiro campeão Sul-americano individual na categoria adulto, título ímpar. Também em 1988, fui eleito o melhor atleta da esgrima pelo Comitê Olímpico Brasileiro e ganhei um prêmio de melhor atleta do ano. Além da coroação, com a sonhada participação nos Jogos Olímpicos.

C.M. – Você comentou sobre o União. Na época que você começou tinha esgrima no União?

⁵ Sùmulas.

⁶ Arma especial para a prática da esgrima.

R.A. – Sim, havia Esgrima por lá sim. A equipe do União sempre foi muito forte. Eles tinham um Mestre, o João Antônio da Silva Rosa, ótimo professor, um excelente amigo, que também era técnico das equipes gaúchas. O João Rosa, também influenciou muito na minha carreira. Pessoa genial, pai de dois esgrimistas muito bons, foi muito importante para as equipes Gaúchas, durante nossos confrontos com os adversários do resto do Brasil. Curiosidade: ele também teve grande influência do Mestre Queiroz em sua formação.

C.M. – Na época que você começou, na década de 1970, tinham mulheres na esgrima?

R.A. – Tinham mulheres sim, lembro-me que tínhamos uma equipe de florete feminino muito forte. Havia a Carmen Masson, a Mimi, a Vera Purper⁷... e, mais que isso, a memória não ajuda. Desculpa as muitas que ora esqueço de citar. No começo, mulheres só podiam praticar Florete, a espada⁸ feminina veio depois e, por último, o Sabre feminino. Muito me marcou a Carmen Masson, que é presidente do CREF⁹ do Rio Grande do Sul na atualidade. Esgrimista do União, a considero um ícone da esgrima nacional e internacional, uma “campeoníssima” também. Havia muitas mulheres fazendo esgrima.

C.M. – Nesse período anterior aos Jogos, tem mais alguma coisa que você gostaria de destacar como uma história, período de dificuldade, alguma competição importante?

R.A. – Dificuldades, eram a dificuldade em conseguir material e as viagens para as competições em ônibus, que, em realidade era um folclore divertido.

C.M. – Como é que você chega a participar dos Jogos Olímpicos? Como é que foram as seletivas?

R.A. – O divisor de águas, foi meu título Sul-americano no individual. A convocação veio influenciada por haver ganhado um campeonato muito difícil, prova em que a Argentina era a favorita. Eu e o grande amigo Ricardo Menalda, fizemos as semifinais. Após ganhar dele, fato que não era comum naqueles tempos, faço as finais e ganho o sul-americano em

⁷ Vera Purper Bercht.

⁸ Arma especial para a prática da esgrima.

cima de um Argentino, que morava na Itália e era o favoritíssimo, que ganhava tudo o que jogava. Entendo que este fato foi o marco para a Confederação¹⁰ indicar meu nome ao Comitê Olímpico Brasileiro para representar o Brasil. Eu era forte na espada também, apesar de não ser minha arma principal, acabei sendo convocado para integrar a Equipe Olímpica de Espada, juntando-me ao ótimo Time do Douglas Fonseca da Sogipa, Roberto Lazzarini do Pinheiros¹¹ e Antônio Telles do Paulistano¹². Além desta principal vitória no Sul-Americano, que entendo que foi a referência para minha convocação, no ano de 1988, tive participação muito boa nas provas em que participei.

C.M. – Você começou no florete?

R.A. – Na minha época, todos começavam com florete, depois éramos direcionados para as outras armas. Hoje em dia não é mais assim, muitos clubes dão iniciação direta nas três armas, Florete, Espada e Sabre¹³. Eu comecei no florete e depois fui para o Sabre. Também passei pela espada, arma que me chamou muito a atenção. Então, acabei sendo um “Sabrista” que jogava também espada, minha arma principal.

C.M. – Como foi a preparação para a competição dos Jogos Olímpicos?

R.A. – Uma vez convocados, nos reunimos no Rio de Janeiro, na Escola de Educação Física do Exército, na Urca. Lá ficamos treinando, concentrados durante dois meses e meio, com suporte médico e toda uma estrutura montada para nos dar apoio. De lá, fomos para Seul¹⁴.

C.M. – Essa parte de preparação e até a parte anterior você teve algum apoio financeiro de algum lugar?

⁹ Conselho Regional de Educação Física.

¹⁰ Confederação Brasileira de Esgrima.

¹¹ Esporte Clube Paulistano.

¹² Club Athletico Paulistano.

¹³ Arma especial para a prática da esgrima.

¹⁴ Na Coreia do Sul. Onde aconteceram os Jogos Olímpicos de 1988.

R.A. – Não, não tinha apoio financeiro algum. Não gastava muito, pois, para ficar na EsEFEx era tudo fornecido sem custos para os atletas. No meu tempo não havia apoio ao atleta no que diz respeito a dinheiro. Atletas treinavam, alguns com apoio de seus clubes para viagens e competições, mas, se bem me lembro, sem salários. Os pais e familiares eram os investidores, o famoso “PAItrocínio”. A Confederação pagava alguns poucos eventos internacionais. O material sempre era comprado pelo atleta.

C.M. – A sua preparação para os jogos foi aqui no Rio Grande do Sul?

R.A. – Sim, foi com o pessoal da Sogipa mesmo. Que me ajudava na preparação física e técnica, além do departamento Médico e Fisioterapia, que sempre nos deu suporte.

C.M. – Teve algum treinador específico nessa época?

R.A. – Olha, tenho o Mario Queiroz quase como único para mim, pois ele foi o grande responsável pela minha escolha. Minha e de meu irmão Jarbas. Tive outros treinadores muito importantes em minha carreira. O Mestres Sílvio Sampaio, Cláudio Andretta e Linhares, meus professores na UFRGS¹⁵, Oswaldo, que não lembro o sobrenome, tiveram importante participação em minha formação. Um marco em minha carreira como atleta de alto rendimento foi um romeno que passou pelo Rio Grande do Sul chamado Ion Drimba. Foi Campeão Olímpico e era um *tático* impressionante. Em seu período treinando o grupo da Sogipa, nos ensinou muita coisa, ensinou a jogar com muita inteligência. Acho que ali foi um divisor de águas para mim.

C.M. – Como foi a competição?

R.A. – Minha nossa! Na competição de Seul eu fui surrado! Não me saí nada bem, estava muito nervoso. Caí fora na primeira rodada da competição, nas *poules*. O fato de não termos a tradição da Esgrima no Brasil, sermos conhecidos somente pelo futebol, carnaval, samba e Pelé¹⁶, somado ao fato de que o Sabre era jogado “Mudo”, sem aparelho

¹⁵ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁶ Edson Arantes do Nascimento.

eletrônico de marcação de toques, foram fatores que acabaram de me “sepultar”. Haviam quatro auxiliares e um árbitro para indicar quem era tocado. Era muito difícil, uma pessoa de fora da Europa, ganhar um combate. Muito mudou depois da chegada do material elétrico e de regras e convenções padronizadas. A obrigação de ter árbitros de todas as partes do mundo, formados e examinados por equipes da FIE, Federação Internacional de Esgrima, ideia e execução de um brasileiro, o Arthur Telles Cramer Ribeiro, que era membro da FIE, abriu a possibilidade de mais gente chegar ao pódio.

C.M. – Como era a estrutura dos Jogos?

R.A. – Eu nunca havia passado por outra experiência em Jogos Olímpicos. O que já havia tomado contato, eram Campeonatos do Mundo, sempre bem organizados. A experiência nos Jogos de Seul, foi fantástica. A organização, por ser oriental, tinha tudo preparado. Nos mínimos detalhes, nada nos faltou. A preparação dos Coreanos para o evento foi impressionante, atrevo-me a dizer que eles tinham previsto tudo. Na Esgrima, tínhamos todo apoio, alimentação, transporte... Foi muito legal.

C.M. – Como foi à convivência na vila olímpica?

R.A. – Foi muito legal. É bacana até porque tu começa a cruzar com atletas de altíssimo nível, que só víamos em revistas e televisão. A equipe Americana de basquete, *minha nossa!*, o pessoal do atletismo, que eram lendas para mim, do tempo que estudava na faculdade. Cruzei com o Carl Lewis¹⁷, estavam lá com a gente na vila olímpica. Vi o Ben Johnson¹⁸, ele apareceu no refeitório e, para comprovar a Lei de Murffy, neste dia a minha máquina fotográfica não tinha mais filme, na época eram aquelas máquinas à carvão. Imaginem só a gozação do meu colega de equipe, Douglas Fonseca, da Sogipa, que se “deitou em mim”. Ele disse: “bom, agora como é que vai ser? Vais ficar sem foto, já era”.

C.M. – Em Seul você competiu individual e em equipe?

¹⁷ Willian Frederick Carlton 'Carl' Lewis.

¹⁸ Benjamin Sinclair Johnson .

R.A. – Eu joguei o Sabre individual e a Espada por Equipes, completei a equipe brasileira. Gostaria de haver jogado a Espada individual, mas não deu.

C.M. – Tem mais alguma experiência desses Jogos de Seul que você gostaria de destacar?

R.A. – A parte da segurança, este item, me chamou muito a atenção. Havia, ao mesmo tempo, uma preocupação muito grande com a segurança e em oportunizar entrada e saída nos lugares oficiais, Vila Olímpica, Ginásios, etc, mas extremamente cautelosa, tinha scanners para o material, tinham raio-x e sempre gente controlando. Entendo que foi um marco para todo mundo nos Jogos. Outra coisa que me deixou muito contente, foi que eu joguei bem na prova de Espada por equipes. Ufa!, pois estava destruído pela minha passagem no Sabre individual. Na Espada, ganhei do Borrmann¹⁹ que era um cara muito bom e conhecido da Alemanha. [risos] ele, ao sair da pista, seu treinador deu-lhe um “tapão na orelha”, porque ele havia perdido. Fato que me deixou orgulhoso, porque era um fato inédito e inesperado em minha carreira.

C.M. – A competição individual foi primeira do sabre e depois que foi por equipes?

R.A. – Sim, joguei o sabre primeiro e depois os guris jogaram a prova de espada individual e, depois, jogamos as provas por equipe.

C.M. – Você venceu ele na prova individual ou na prova por equipe?

R.A. – Eu não joguei a prova individual na Espada. Minha vitória foi na prova por equipes. Há época, os resultados das provas por equipes eram calculados pela soma das vitórias de cada um dos quatro integrantes da equipe. Jogávamos combates a cinco pontos e cada vitória ajudava a equipe. Quem chegasse a nove vitórias primeiro, ganhava o encontro por equipe. Eu ajudei o Brasil ganhando do Borrmann.

C.M. – Como foi sua formação de árbitro e professor?

¹⁹ Elmar Borrmann.

R.A. – Sou professor de educação física pela ESEF, comecei a me especializar como professor de Esgrima já em 1984. Ajudava como monitor na Cadeira de Esgrima na Faculdade, além de trabalhar com Maternal e Jardim de Infância, paixão que guardo até hoje. Começava aí, minha carreira como técnico de esgrima. Como árbitro, vi a oportunidade em 1987, quando fiz o exame da Federação Internacional de Arbitragem. Vi na arbitragem a oportunidade de conseguir sair do Brasil, porque na época era difícil ir para competições internacionais importantes e sair do Brasil mais vezes. Comecei a arbitrar, mas sempre dizendo que “eu *estou* árbitro e *sou* mestre de armas”. Tinha a oportunidade de ver a esgrima moderna sempre que viajava para arbitrar. A esgrima muda muito de uma temporada para outra. Equipes estão sempre se encontrando nos eventos internacionais, coisa que hoje em dia não é mais novidade, fazia uma grande diferença à época. No meu tempo, se chegava para o campeonato mundial ano e a última competição importante havia sido a do mundial do ano anterior. A maneira de arbitrar era outra, o jeito de jogar era outro, era um verdadeiro caos. Não se tinha a facilidade de conseguir imagens e filmes como é hoje. Como curiosidade, de Seul, eu mandei para mim mesmo, cartas, cartões postais, para minha casa. Após chegar ao Brasil, uns quinze dias depois de voltar, isso que nós ficamos o mês inteiro de outubro por lá, fiquei na abertura e no encerramento dos Jogos, comecei a receber as correspondências. Era algo de outro mundo, se compararmos com hoje em dia. As competições atuais são transmitidas toque a toque, além de facilidades de contatos em tempo real através das redes sociais e *whatsapp*²⁰, por exemplo. Tudo mudou muito.

C.M. – Como foi sua formação aqui na ESEF, em que ano você se formou?

R.A. – Eu escolhi a Educação Física como primeira opção no vestibular. Nunca tive dúvidas de qual rumo seguir. Tenho uma profissão que me dá um imenso prazer no que faço e, para melhorar, me pagam para isso. A faculdade que fiz foi muito boa e, como nos cobravam muito, me fizeram um professor mais completo e preparado para enfrentar a vida. Eu me formei no final de 1985.

C.M. – Quando você foi para São Paulo?

²⁰ Aplicativo de telefone celular.

R.A. – Lá vai um breve histórico de minha vida. Me formei na faculdade em 1985, em 1988, vou para os Jogos Olímpicos de Seul, ao em 1989, mudo para o Rio de Janeiro, para participar do Curso de Mestre d'Armas Internacional, realizado pela Confederação Brasileira de Esgrima em parceria com a FIE e com o Exército Brasileiro, na mesma escola que fiquei treinando para esses Jogos. Como eu queria me especializar em esgrima e seguir minha carreira como professor, já formado em educação física, vi um ótima oportunidade. Pedi afastamento da Sogipa, onde era técnico e fui para o Rio²¹ morar. Terminei os dois anos de curso como o melhor aluno civil. Aos melhores, a FIE ofereceu uma bolsa de estudos na *Ecole Interarmées des Sports*, em Fontainebleau, França, tendo como Mestre o famoso Pierre Thirioux, quem havia escrito quase toda a bibliografia que nos utilizávamos nos estudos no Rio. Fiz terceiro e último grau de especialização na E.I.S, ficando 1990 e 1991 por lá. Morando e estudando com o mestre Thirioux e seu adjunto Christian Roudaut. O que mais eu poderia pedir? Era um sonho que se concretizava. No segundo semestre de 1991, após rápida passagem por Porto Alegre, fui morar na Alemanha, primeiro em Leipzig, depois em Bonn, onde fui convidado a trabalhar. Supostamente, com emprego garantido, voltei para passar o Natal no Brasil, quando o Club Athletico Paulistano fez uma proposta de trabalho, local onde, até hoje coordeno a Esgrima. Buenas, vamos à resposta a sua pergunta: fui para São Paulo em 12 de dezembro de 1991. Demorei pra responder, né? [risos].

C.M. – Como você chega a participar dos Jogos Olímpicos como árbitro?

R.A. – Bom, durante toda a nossa conversa, em que contei minha trajetória como Mestre, eu continuava como árbitro, sendo convocado para muitos eventos internacionais. Em cada um destes eventos Federação Internacional de Esgrima, avalia o quadro de árbitros e define uma nota. Em cada ciclo olímpico eles montam uma lista com os melhores e, desta lista, eles convocam apenas 23 homens e 1 mulher, no mínimo, para arbitrar os Jogos Olímpicos. É uma seleção muito grande. A quantidade de árbitros nos Jogos é muito menor que outros eventos como o campeonato mundial, por exemplo, num mundial, tem 40 ou 50 árbitros convocados. Tive algumas provações na arbitragem antes de minha primeira

convocação para os Jogos Olímpicos de Sydney, 2000. Ainda sendo avaliado, fui indicado para arbitrar a final da Espada Feminina entre França e Cuba, no Campeonato Mundial. Sabedor da pressão e atenção que receberia da Comissão da Arbitragem FIE, corri na frente e procurei os treinadores de cada um destes países e disse: “Por favor, avisem suas atletas que serei muito severo no cumprimento das regras, pois estarei em avaliação pela FIE”. Por atitudes como esta, me afirmei como árbitro, além de ser um estudioso do Regulamento de Provas, por necessidade na função de Mestre e por minhas decisões com personalidade. Como ilustração, em um evento que arbitrava, um atleta do Japão deixou suas espadas no lugar errado, e eu, em português alto e claro, gritei: “Japonês, tira estas espada daqui” e coloque no final da pista..., indicando, por sinais, o local que eu gostaria que ele deixasse seu equipamento. O hilário, é que um colega meu me perguntou: “mas tu fala japonês?” e eu respondi, na maior cara de pau, “Sim, um pouquinho só...” [risos].

C.M. – Como foram os outros Jogos?

R.A. – Particpei dos últimos quatro Jogos Olímpicos e mais Jogos olímpicos da juventude em Nanquim²². Até o presente, tirando Nanquim, já arbitrei a disputa por dez medalhas de ouro. Tenho um controle que eu faço de finais arbitradas. Arbitrei duas finais de medalha agora em Nanquim também. Mas, tudo isso, foi num crescente também, não se faz muito cálculo, a gente vai arbitrando e vai sendo respeitado. Em 2011, na Jordânia, fui eleito o melhor árbitro do mundo, um reconhecimento importante de minha carreira de arbitragem. Depois, fui eleito vice em 2012, 2013 fico entre os cinco melhores em 2014, novamente como o Melhor do Mundo e vice, em 2015. Como último fato a relatar, a FIE criou um grupo chamado Elite, do qual eu sou membro desde 2013, em que há uma lista de 8 árbitros para cada arma, os melhores segundo os critérios de avaliação deles. Esses árbitros são os primeiros a serem chamados para os eventos oficiais fora a lista convocação normal. Eles perguntam “tem o campeonato tal, podes ir ou não?”

C.M. – Isso foi no sabre?

²¹ Rio de Janeiro.

²² Na China.

R.A. – Não, o Sabre foi a arma em que eu competi minha vida toda, a Espada, foi a arma que eu acabei sendo referência na arbitragem. Eu tenho licença de arbitragem da federação para as três armas. Sou categoria A em espada, categoria B nas outras duas. Em eventos como campeonatos mundiais, evento de copa do mundo e *grand prix* de esgrima, eu atuo com qualquer uma das três armas, mas, quando aproximam-se das semi-finais e finais, a FIE coloca os especialistas com Categoria A, nas arbitragens decisivas.

C.M. – Você percebeu alguma diferença de estrutura tanto da competição e do entorno, vila olímpica, alimentação e segurança dos Jogos de 2000 até 2012?

R.A. – Sim, sem dúvida. O evento Jogos Olímpicos, virou um produto vendável. Existe um caderno de encargos, com tudo o que deve ser feito, nos seus mínimos detalhes, para cada item que faz parte dos Jogos. Existe como um mínimo, que é aceito pelo Comitê Olímpico Internacional. Se um esporte quer fazer algo diferente, para melhorar sua competição, caso aprovado, fará parte do próximo Caderno de Encargos. A evolução na parte técnica é gigante, mas na organização também é notória. Na Esgrima, a qualidade dos ginásios, equipamentos eletrônicos, a coordenação de eventos, isso tudo tem mudado para melhor. Com relação à vila olímpica, os árbitros não ficam no mesmo lugar. Ficamos em locais separados, em hotéis de árbitros ou vilas de árbitros.

C.M. – Tem alguma experiência desses Jogos como árbitro que tu destaca?

R.A. – A chegada da vídeo-arbitragem, para mim, foi fundamental para a lisura da Esgrima, não só dos jogos olímpicos, em todos os eventos em que ela está presente. Os resultados são reais e a possibilidade de acertar e corrigir alguma decisão errada, aumenta muito. Serve para garantir a melhor decisão não só no sentido da honestidade, mas no sentido de uma possível falha da visão humana. Os golpes são muito rápidos e há a possibilidade da perda de detalhes de alguma ação. São equipamentos de altíssima qualidade, onde conseguimos ver o detalhe da ação. Muitas vezes, você pode voltar atrás e dar a decisão correta para o lado oposto. Esta foi uma mudança muito legal.

C.M. – Quando começa a ter o alarme visual e sonoro?

R.A. – Na Esgrima para homens começa desde 1896, nos primeiros Jogos Olímpicos da era moderna, em Atenas, com o Florete e o Sabre, a Espada aparece nos Jogos de Paris, em 1900, e as provas por equipes, em 1908. O Florete feminino é introduzido em 1924, a Espada feminina em 1996 e o Sabre feminino, já no século XXI.

C.M. – Nessas participações você teve alguma experiência negativa?

R.A. – A experiência negativa que mais me marcou foi o fato de o sabre, há época, ter uma arbitragem “humana”. Eram cinco pessoas que cuidavam se os golpes chegavam e se devia valer ponto ou não. Em uma conta matemática básica, eram calculados os votos, cabendo ao árbitro principal, após consultar seus auxiliares, os vogais, decidir o que havia acontecido. Os Vogais, eram dois auxiliares do árbitro do lado esquerdo e dois auxiliares do lado direito. Eles levantavam a mão, ao ver um toque e, após o questionamento do árbitro principal, respondiam uma das quatro possibilidades: Sim; Não; Sim, mas não válido e Abstenção. Era uma coisa horrível. Hoje em dia, como todo o aparato eletrônico, falo para os meus atletas, é muito mais fácil. No meu tempo, em que era o sabre mudo, tínhamos de “tirar sangue” para que vissem nossos toques. Coisa da Idade Média [risos].

C.M. – Como árbitro, tem algum apoio financeiro para ir aos Jogos?

R.A. – Não temos salário, mas, pelo menos, não temos gasto algum. A FIE paga uma diária que serve para pagar o que comermos. Essa diária, se eu gastar, é nossa. Não são valores que possamos viver, mas, sempre ajuda se fizer um regime... Uma coisa legal, nas últimas competições, a Federação Internacional começou a dar um prêmio de duzentos Euros, para quem arbitrar finais. A cada final arbitrada, o árbitro ganha um bônus, que é pago ao final do ano. Ainda não é profissional, é amador, porque não dá para contar como salário. Espero poder ver um quadro de arbitragem, pelo menos, Semiprofissional da FIE.

C.M. – Tem mais alguma coisa da experiência dos Jogos Olímpicos no geral que você queira dizer?

R.A. – Gostaria de viver mais uns 250 anos, só para ir a muitos outros Jogos Olímpicos. É sensacional. É uma experiência indescritível, algo que, só indo para ver. O próprio nome descreve, é o Olimpo do esporte. Maravilhoso! Quem for, verá.

C.M. – Qual a repercussão da sua participação nos Jogos Olímpicos na sua carreira?

R.A. – Quase nenhuma, talvez, um pouco de reconhecimento entre meus pares. O Brasil, por ser fraco no apoio e na divulgação de seus esportes, fora o futebol, não se aproveita de fatos importantes. Deixa de lado e não reconhece o esforço de tanta gente boa, de tanto atleta, técnico, comissão técnica, e muitos mais. Só quem sabe, na maioria das vezes, é quem é do meio. Ah, mesmo os do meio, muitas vezes, nem sabem da sua participação. E se tu começa a dizer, “Eu sou, eu fui, etc... ainda passa por babaca!”. Já fui dar curso de Esgrima ou de Arbitragem que, quando me apresentam, as pessoas que estavam em meu entorno, dizem “nossa eu não sabia disso”. Apesar de que, hoje em dia, a divulgação estar bem melhor, mais me considero um bom tomador de chimarrão e um bom comedor de churrasco do que um Árbitro ou Esgrimista famoso. Quero que minhas filhas e meus atletas sejam famosos. Os preparo para a vida e para as competições.

C.M. – Você acha que depois dessa participação teve alguma diferença no esporte aqui no Rio Grande do Sul?

R.A. – Teve sim. Porque a gente sempre trás coisa nova para o grupo que orbita conosco na esgrima. Novas explicações, como estão fazendo, novas técnicas, formas de arbitrar. Entendo que devolvo à Esgrima um pouco do que ela sempre me proporcionou.

C.M. – Você chegou a trabalhar com a equipe brasileira?

R.A. – Sim, já trabalhei. Às vezes, sou convocado para eventos, por competição. A CBE tem três técnicos permanentes bancados pela Petrobrás, que é patrocinadora da esgrima até os Jogos de 2016. São chamados de Técnicos da Equipe Olímpica Permanente. Somente esses recebem salário. Eu sou um dos técnicos da equipe de Sabre, e sou convocado quando necessário. Cumpro este tipo de missão desde 1987.

C.M. – Você está acompanhando algum atleta que tem chance ou que está à frente no ranking?

R.A. – Tenho meus atletas do Paulistano, futuros candidatos à vaga para os Jogos Olímpicos de Tóquio, 2020, mas, se derem mole, tenho atletas jovens, entre eles minha filha Karina²³, terceira no ranking adulto e primeira no juvenil, que tem chances. Tenho um prazer imenso em “cortar caminhos”. Meu atleta Renzo Agresta, então atleta do Paulistano, em sua primeira participação olímpica, não tinha apoio nem reconhecimento algum. Sabiam que ele era bom, mas não levavam fé em sua classificação. Somente ele e eu, e mais uns poucos amigos próximos, sabiam da nossa convicção. Por isso, não quero contar com a vaga, mas... vamos esperar para ver.

C.M. – Depois que você foi para São Paulo você teve alguma proposta para retornar ao Rio Grande do Sul?

R.A. – Tive algumas propostas, mas São Paulo continua sendo imbatível na estrutura, apoio em um todo e não deu para voltar.

C.M. – Régis tem mais alguma coisa que tu queria registrar?

R.A. – Eu sou gaúcho, adoro o Rio Grande do Sul e é uma pena não ter a estrutura para eu estar aí. Ainda sonho com nosso Rio Grande como uma potência desportiva.

C.M. – Muito Obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]

²³ Karina Zettermann Trois de Avila.